

A BOA ESCOLA NO DISCURSO DA MÍDIA – um exame das representações sobre educação na Revista Veja (1995-2001) de Geraldo Sabino Ricardo Filho

Isabelle Pinto Martins de Souza*

A obra foi apresentada originalmente como dissertação de mestrado na área de Educação, defendida na Unesp de Araraquara e tornou-se o primeiro título da Coleção Teses Premiadas da Editora Unesp em 2005. O autor faz uma análise detalhada das reportagens e artigos publicados na Revista *Veja* no período de 1995 a 2001. Ricardo Filho, que é professor de História na rede estadual paulista há mais de 15 anos, procurou investigar como os artigos publicados na revista influenciaram as diretrizes educacionais. O slogan “boa escola” foi legitimado por atores que formam a *rede de legitimidade*, alguns deles denominados pela *Veja* como “os pais da nova escola”. A frequência com que esses autores assinavam as matérias despertou em Ricardo Filho um olhar mais atento às suas trajetórias acadêmicas.

O livro é dividido em três capítulos, nos quais a pesquisa do autor se revela bastante fundamentada. Na “Apresentação”, o autor esboça o objeto *boa escola* nas publicações da revista, reflete sobre a importância desta documentação para a história recente da educação no Brasil e expõe as razões que levaram ao aumento de publicações sobre educação na imprensa neste período.

No Capítulo 1, intitulado Educação e Comunicação, Ricardo Filho se fundamenta em teóricos para discutir qual é o papel da língua legítima, restrita à autoridade de intelectuais que tem o poder de ditar as normas; expõe a história da Revista *Veja*, de como ela se tornou a líder no campo das revistas semanais de informação no Brasil com tiragem de mais de 1.200.000 exemplares e aproximadamente 4.800.000 leitores, em sua maioria pertencentes às classes A e B. Ricardo Filho também revela as relações entre os intelectuais, a imprensa e o Estado concluindo que a aparição na imprensa tanto pode ser resultado de uma respeitável carreira acadêmica de um intelectual, quanto estratégias para sua consagração, considerando as trajetórias de alguns para disputar o poder de prescrição pedagógica e se inserirem na *rede de legitimidade*.

No Capítulo 2, A Representação da Boa Escola na Revista *Veja*, o autor apresenta vários artigos publicados sobre o ensino básico, explicitando como o objeto *boa escola* foi construído.

* Graduada da Faculdade de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Neste capítulo, Ricardo Filho explica que embora o período analisado de sua pesquisa compreenda os anos de 1995 a 2001, no qual acontece uma série de reformas educacionais, principalmente no ensino básico, foi necessário um levantamento de artigos publicados sobre educação entre o início da década de 1980 até 2001 para comprovar como a Revista *Veja* construiu a sua concepção de *boa escola* e quando alguns intelectuais passaram a legitimar a concepção pedagógica defendida na revista que divulgava as reformas educacionais do MEC durante a gestão de Paulo Renato Souza. Nestes artigos, a reforma educacional do estado de Minas Gerais é diversas vezes apontada como modelo de gestão a ser seguido e o slogan *boa escola* está sempre associado à eficiência econômica e aos atores ditos “pais da nova escola”. A *boa escola* deixou de ser um privilégio das classes mais favorecidas para ser a solução dos problemas do nosso país. Diversos artigos criticam a maneira como os professores são tratados pelo governo e intelectuais renomados recriminam projetos educacionais como os Cieps, Ciacs e o Mobral. O tema alfabetização de adultos também é citado, sendo defendido somente pelo ex-ministro da educação no Governo Itamar Franco. Notícias sobre falta de recursos, péssima distribuição de verbas, salário dos professores, qualidade do ensino, merenda, índice de reprovação escolar são amplamente publicados no período pesquisado. A *rede de legitimidade* se consolida cada vez mais com publicações de artigos ou entrevistas de intelectuais consagrados tais como: Claudio Moura Castro, autor que tem a maior parte de publicações em assuntos educacionais; João Batista de Araújo e Oliveira; Sérgio Costa Ribeiro; Maria Alice Setúbal, Rose Neubauer, Sergio Haddad, Paulo Renato Souza, ministro da educação do governo Fernando Henrique Cardoso, entre outros. A relação escola/trabalho é também outro tema que Ricardo Filho destaca na sua seleção de reportagens por ter gerado mudanças no sistema educacional. O autor conclui que o discurso do que seja a *boa escola* é o resultado das publicações em *Veja*, que deixa clara a concepção da revista acerca da educação, ou seja, uma escola para todos, gratuita, com qualidade de ensino e direcionada à população carente.

No Capítulo 3, Ricardo Filho esclarece como a rede de legitimidade se torna a autoridade para prescrever a *boa escola* e resgata a trajetória de alguns dos atores mais citados na Revista *Veja*, em especial Cláudio Moura Castro, Sergio Costa Ribeiro e João Batista Araújo e Oliveira. A produção acadêmica desses especialistas corrobora as suas posições de autoridade e justifica como se inseriram na *rede de legitimidade*. Novamente neste capítulo, Ricardo Filho demonstrará que as publicações positivas da reforma em Minas Gerais e aquelas ligadas ao MEC durante a gestão do ministro Paulo Renato Souza, comparadas com publicações sobre reformas anteriores que enfatizam situações de fracasso, confirmam os efeitos de sentido do discurso veiculado na Revista *Veja*. O autor relaciona a ascensão do PSDB, cujos intelectuais filiados ou ligados ao partido passaram a

ocupar postos em instâncias burocráticas, a um divisor de águas entre posições e disputas no campo educacional. Educadoras como Guiomar Namó de Mello e Rose Neubauer, organizadas em ONGs ligadas à educação; Maria Alice Setúbal e Viviane Senna, ligadas diretamente às políticas educacionais começam a participar das discussões apoiadas pelo MEC. Ricardo Filho também detalha como as ONGs conseguiram se inserir na rede de legitimidade. A confirmação de autores que são denominados pela revista como “os pais da nova escola” é muito significativa por eles legitimarem as reformas que ocorreram no campo educacional e construírem o consenso em torno da *boa escola*.

A BOA ESCOLA NO DISCURSO DA MÍDIA é um trabalho minucioso e importante sobre as reportagens a respeito da educação formal no Brasil e nos mostra como a Revista Veja, através de seus artigos, influenciou os rumos das políticas de educação no nosso país. Nas 234 matérias publicadas ao longo de sete anos muito se refletiu sobre diretrizes a serem tomadas e importantes mudanças tiveram as suas sementes plantadas nesse período. Ricardo Filho conseguiu realizar uma obra valiosa para educadores empenhados em políticas melhores e novas conquistas, mas desperdiçou uma excelente oportunidade de dar visibilidade à desatenção destas publicações à questão do negro. Das 234 notícias veiculadas na revista, somente a matéria “Lugar no Mercado”, tratava do assunto “cotas em universidades públicas”, assunto que diz respeito diretamente à população negra. Perdeu-se a chance de questionar a posição dos intelectuais pertencentes à *rede de legitimidade* e trazer à luz, numa obra tão bem fundamentada, um assunto que é sempre varrido para debaixo dos tapetes. O slogan *boa escola*, que se afirmou como uma escola com ensino de qualidade, direcionada às classes desfavorecidas, gratuita e para todos, em nenhum momento se lembra que aproximadamente 80% dos seus alunos são negros. Ficou faltando tratar de ações afirmativas, do preparo dos professores para lidar com o racismo em sala de aula, na falta de publicações governamentais direcionadas à diversidade étnica e de políticas que valorizem a cultura negra de modo que os alunos se sintam inseridos e pertencentes ao contexto *boa escola*.

Este excelente livro, cuidadosamente publicado em 253 páginas, pode servir de inspiração para novas teses que aproveitem a ocasião para dar maior visibilidade a questões etnicorraciais que ainda são objeto de muita luta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RICARDO FILHO, Geraldo Sabino. *A boa escola no discurso da mídia: um exame das representações sobre educação na revista Veja (1955-2001)*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.